

“Impressões de Matto Grosso”: as contradições entre discurso sertanista e civilização nos relatos de viagem do enviado de Plínio Salgado à Província Integralista de Mato Grosso, 1936.

LUCIANA AGOSTINHO PEREIRA ATHAIDES*

A Ação Integralista Brasileira atuou no antigo Estado uno de Mato Grosso entre os anos de 1933 e 1937, período no qual arregimentou aproximadamente 7.000 filiados; com isso, alcançou o 6º lugar entre as províncias integralistas de acordo com as estatísticas do próprio Movimento. (Monitor Integralista, n. 22, 01/10/1937, p. 4). Se considerarmos as condições sociais, econômicas e geográficas de Mato Grosso, podemos afirmar que a AIB obteve resultados consideráveis nas áreas urbanas, obtendo cerca de 1,3% da população local.¹

De acordo com trabalho que desenvolvemos anteriormente (PEREIRA, 2011), o Integralismo esteve presente nas seguintes localidades, entre municípios, distritos e vilas mato-grossenses: Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas, Aquidauana, Cuiabá, Coxim, Ponta Porã, Entre Rios, Porto Murtinho, Bela Vista, Brotas, Livramento, Diamantino, Poconé, São Luiz de Cáceres, Miranda, Várzea Grande, Santo Antônio do Rio Abaixo, Rosário Oeste, Poxoréu, Lageado, Jaraguari, Rio Pardo, Rio Verde, Baliza, São Gonçalo Velho, São João, Nhecolândia, Dois Irmãos, Barranco Branco, Sagrado Coração, Santa Aparecida, Olhos d'Água, Cascudo, Gula, Aldeia, Nobres e Vila de Terenos.

Em nossa análise, atestamos que a progressão do Movimento ocorreu de forma peculiar em relação às demais províncias integralistas, pois, a instalação dos primeiros núcleos e da sede provincial aconteceu fora da capital mato-grossense. O primeiro núcleo foi fundado em 1934 na cidade de Campo Grande, sob a coordenação do contador Fulvio Mandeta e também do professor e bacharel Sebastião Lins, então Chefe Provincial². Assim, rapidamente, o Integralismo se espalhou pela região Sul, só chegando a Cuiabá em 1935.

* Mestranda em História pela Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha.

¹ Segundo os dados do IBGE, a população mato-grossense era constituída, em 1936, de 373.514 habitantes. (IBGE, *Estatísticas do Século XX*, disponível em <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>).

² Embora os primeiros núcleos tenham sido fundados no ano de 1934, nossas fontes mostraram que a organização do Movimento estava ocorrendo desde 1933, em Campo Grande, sob a coordenação do mesmo Fulvio Mandeta.

Outra particularidade do movimento integralista local, elucidada em nossa pesquisa, é sua divisão geográfica interna: a Província de Mato Grosso foi a primeira a ser dividida em ‘regiões administrativas’, sob ordens diretas de Plínio Salgado. Com isso, da gigante Província nasceram três regiões, cada uma delas com um governador designado pela Chefia Nacional: a primeira região, com sede na cidade de Campo Grande; a segunda, em Corumbá; a terceira na capital, Cuiabá³. O Chefe Nacional do Integralismo justificou essa organização tanto pela grande extensão territorial do Estado, quanto pela deficiência de seus meios de comunicação. (PEREIRA, 2011)⁴.

Ainda de acordo com nossa pesquisa, o responsável pela implantação dessa subdivisão, em 1936, e de outras medidas organizativas (no intuito de melhorar o funcionamento dos núcleos locais) foi Osolino Tavares, enviado especial de Plínio Salgado⁵. Tavares visitou todas as regiões administrativas, realizando as atividades propostas pelo Chefe, dentre elas a inauguração de núcleos e a intensificação das estratégias de propaganda. Essa viagem foi essencial para que o Movimento alcançasse os números apresentados anteriormente.

As jornadas de Osolino Tavares ao Mato Grosso resultaram em várias publicações na revista *Anauê!* e no jornal *A Offensiva*, cujo conteúdo oscilou, curiosamente, entre a celebração da empreitada integralista no sertão de Mato Grosso, o mais genuíno preconceito em relação a esse mesmo sertão e a necessidade de civilizá-lo. Analisaremos agora tais publicações.

No mês de julho de 1936, Tavares publicou na Revista *Anauê!* um primeiro artigo intitulado *Impressões de Matto Grosso*, em que descreveu rapidamente sua visita à Província. De início, o enviado do Chefe Nacional narrou certo diálogo que teve com um jovem “companheiro” integralista de São Paulo; o “mancebo”, assinalou Osolino, estava curioso para saber sobre o Estado de Mato Grosso:

³ Plínio Salgado designou os seguintes governadores para as regiões: em Campo Grande foram nomeados três nomes: Affonso de Carvalho, Cherubin Chagas e Antonio Menna Gonçalves, nesta ordem; em Corumbá, quem ocupou o cargo foi Edmundo Cavalcante; em Cuiabá, Ephifanio de Oliveira. (PEREIRA, 2011).

⁴ Salgado assinou essa Resolução, de nº 156, em 18 de abril de 1936. (*Monitor Integralista*, n. 14, 15/05/1936, p. 7).

⁵ Osolino [de Aguiar?] Tavares era Chefe de Corporações e Arregimentação Eleitoral da Província Integralista de Minas Gerais.

(...) O joven tribuno integralista, cheio de curiosidade, indaga pelas emoções que senti na terra de Felinto Muller. Li nos seus olhos brilhantes a espera de narrações sensacionaes. Relato de bugres atacando caravanas. Settas incendiarias pondo avalanches de chammas nas cumieiras dos ranchos das villas. Encontros, nas travessias das mattas, com bandos de onças famintas. E febres bravias impedindo, a cada passo, a marcha dos viajantes (Anauê!, n. 11, 06/1936, p. 27).

É interessante notar, nas supostas impressões do jovem, o imaginário da barbárie que o Estado de Mato Grosso suscitava: atos selvagens dos índios e de animais (“onças famintas”), aliados a todo tipo de pestilências. Para o integralista dos grandes centros, havia, portanto esse mítico temor do sertão brasileiro, misturado com certa admiração, advinda da ideia pliniana de que a pureza do ‘verdadeiro Brasil’ estava longe do litoral. Assim, atribuía-se a esse Estado, cujo nome era visto quase como uma descrição geográfica, essa representação da terra indômita.⁶

Curiosamente, abaixo do texto acima referido, numa pequena nota de rodapé, Eurípedes Cardoso de Menezes⁷ (aquele “jovem”, que teria imaginado tais ‘barbaridades’) teve a oportunidade de se explicar, quase como ‘num direito de resposta’, aberto pela revista:

O comp. Osolino imaginou que eu imaginei, mas imaginou mal porque não imaginei nada disso. Enfim, fica assim mesmo porque há muita gente que imagina o que o Osolino imaginou que eu tivesse imaginado. E. C. M. (Anauê!, n.11, 06/1936, p. 27, grifo nosso).

É muito provável, senão óbvio, que tais imagens foram engendradas na cabeça do próprio Osolino, muito antes de visitar o Mato Grosso, e não na do “jovem” Eurípedes. Qual não deve ter sido o espanto do integralista mineiro ao ver que, em meio às maiores brenhas, floresciam instituições urbanas e certa efervescência política?

Essa questão pode ser avaliada se notarmos a admiração, expressa em muitos elogios que Tavares teceu sobre povo de Mato Grosso em geral, descrevendo-o como culto e portador de “um nacionalismo sadio”, ao que Osolino completa, “como nunca vi fóra dos rincões de Cuyabá”. Ainda no referido documento, o autor atenta para a disposição dos habitantes locais para o trabalho e para os estudos no período noturno, além da existência de “um sentido forte

⁶ Acreditamos também que a luta armada utilizada pelos coronéis como manutenção e/ou obtenção do poder, também contribuiu fortemente para que, no imaginário popular sobre o Estado de Mato Grosso, prevalecesse a imagem da violência, até mesmo nos dias atuais (CORRÊA, 2006).

⁷ Trata-se do futuro Deputado Federal pela UDN, na década de 1950 e 1960, e pelo ARENA, nos anos 1970, que aqui contava com 27 anos.

de moral [que] paira firme sobre aquellas consciências” (*Anauê!*, n. 11, 06/1936, p. 27). Trata-se de uma visão já diferenciada das representações iniciais, em que figuravam “bugres” com flechas envenenadas.

Ao mesmo tempo, o enviado do Chefe Nacional ressalta também a existência inata, nos camisas-verdes de Mato Grosso, de valores pregados pelo Integralismo, entre eles a disciplina. Sobre o povoado de São Gonçalo Velho, Osolino relatou:

*São Gonçalo verifiquei é uma região de pequenas propriedades. Somos recebidos no modesto sítio pelo chefe do núcleo. Os camisas-verdes da “bandeira”, em número de 30, espalham-se logo. As laranjeiras estão carregadinhas. Converso com um companheiro sobre a disciplina no Integralismo. Ninguém levantou a mão para retirar um fruto das árvores (*Anauê!*, n. 11, 06/1936, p. 27).*

Em cada um de seus relatos das atividades integralistas há a intenção de valorizar e divulgar os valores presentes na ideologia. O não-roubo da laranjeira, por exemplo, mostra, figuradamente, o quão respeitosos são os camisas-verdes quanto à propriedade alheia. Por outro lado, a afirmação um tanto admirada de que “ninguém levantou a mão para retirar um fruto”, deixa escapar que Osolino não esperava outra coisa dos homens daquele lugarejo, senão o roubo de alguma laranja.

Preconceitos à parte, o relato sobre o povoado de São Gonçalo Velho prossegue e o espanto de Osolino aumenta, ao passo que a terra dos “bugres” figura agora como “cenário divino”:

*Após o almoço, noto uma arrumação na salinha principal. Preparam tudo para sessão. Vejo, entretanto, que se acham presentes só os que vieram comigo. O Chefe informa que os camisas-verdes de São Gonçalo Velho nunca faltaram. Procuro a varanda. Olho o grande rio que passa em frente. É o Cuyabá. E admiro o verde da mata que circunda o sítio. Trilhos desembocam de muitas partes. Minutos depois a minha atenção é fortemente despertada. Vejo inúmeras canoas singrando as águas do velho rio. E dirigidas por possantes braços. Distingo em todas ellas o verde da nossa gloriosa camisa. São os integralistas que chegam. Dos trilhos surgem fileiras de homens, mulheres e crianças. Descalços. Envergam a camisa-verde. Veem saindo das matas fechadas. Tenho impressão de um cenário divino [...] (*Anauê!*, n. 11, 06/1936, p. 28).*

Tavares também escreveu sobre suas “aventuras” em Mato Grosso no jornal *A Offensiva*, em uma nota intitulada *Percorrendo Matto Grosso*, de 21 de junho de 1936. Nesse relato, explicou em detalhes sua viagem de trem de Campo Grande a Porto Esperança, de

onde pegou um vapor rumo a cidade de Corumbá. Quanto mais se embrenhava Mato Grosso a dentro, se distanciando de Cuiabá e Campo Grande, mais ficava clara a dificuldade de Tavares de enxergar o “cenário divino”.

Deixo Campo Grande, Rumo de Porto Esperança. Um atraso de 5 horas na Estrada de Ferro Noroeste. Um “wagon” havia descarrilado dentro da Província de São Paulo. O comboio da entrada na “gare” de Campo Grande as 11.50. Desenha-se na minha frente um longo percurso. Porto Esperança espera-me com o seu vaporzinho. E o martyrio começou. O leito da estrada ainda não se acha empedrado. E a proporção que o trem avança, uma nuvem de poeira, vermelha invade todos os carros, penetrando pelos pulmões. E põe uma mascara barrenta em cada physionomia. Algumas senhoras e moças ainda tentam nos primeiros instantes, um ensaio de “tollete”... mas é impossível o uso de asseio. Em 5 minutos a poeira invade, impiedosamente, todos os poros. A roupa toma outras cores, vi na hora do embarque dois jovens elegantemente vestidos. Trajavam esmerado terno branco. Na 4ª Estação tornei a vel-os, não os reconheci de prompto. Apresentavam-se imundos, até sem colarinho foram dominados pela poeira (A Offensiva, nº 212, 21/06/1936, P. 11).

Tavares, como homem das cidades de ruas ‘asfaltadas’ (as mesmas urbes cosmopolitas criticadas por Salgado), descreveu o seu “martyrio” durante a longa viagem. Em um primeiro momento criticou o atraso do trem, porém, a grande ênfase foi dada nas péssimas condições das estradas do Estado e – o pior de seus pesadelos – na poeira, tão comum aos sertões do Brasil quando à presença do sertanejos. Num sertão que deveria permanecer intocado e resguardado da ‘contaminação’ estrangeira já impregnada no litoral, às moças não foi possível “o uso de asseio”. Estava ficando claro para Osolino, que os modos de vida ocidentais e civilizados tinham dificuldades de se perpetuar em Mato Grosso.

Em seguida, o enunciatário evidencia as dificuldades de um casal “pobre, cheio de filhos”, em viajar sob péssimas condições em busca de sustento num garimpo. O que parece mais assombrar o observador, contudo, é o fato de viajarem “sem leito”, desde São Paulo, de onde ele mesmo partiu.

Um casal pobre, cheio de filhos lucha nos últimos bancos com a afflicção da criança. O pequenino completamente nu, clama por agua, tem sede. Essa gente viaja desde S. Paulo, sem leito. Os passageiros dão fructas aos garotos. Caminham ao que parece para os garimpos (A Offensiva, nº 212, 21/06/1936, P. 11).

Osolino prossegue com sua narrativa:

Uma etapa dolorosa até Porto Esperança. Fim da viagem da Noroeste, bandos de carregadores avançam afoitos para as janelas do comboio, na ânsia do carreto. Em pouco descemos o pequeno declive rumo ao vaporzinho. Os carregadores passam em filas levando as bagagens. Entro no vapor. Apontam-me um camarote. O relógio marca 1 hora da madrugada. Enquanto vae pelo tombadilho o lufa-lufa das acomodações, procuro debruçar-me sobre a amurada da pequena embarcação. Estamos no rio Paraguay, ouço uma algazarra do outro lado do convez, vou ver o que é, uma senhora reclama a falta de uma mala, apesar dos 70 anos fala com energia, tempera forte, mas tarde a mala aparece, novo barulho o carregador explora. Cobra 10\$000 pelo transporte da pequena carga, num percurso apenas de 30 metros. Alguém informa não haver, naquelas paragens nenhum controle para taes abusos. Os passageiros são rudementes explorados (A Offensiva, nº 212, 21/06/1936, P. 11).

Outro detalhe na realidade mato-grossense é aqui evidenciado por Osolino, a presença de carregadores que “exploram” os passageiros. Obviamente, como pequeno-burguês, Tavares se imiscui de compreender a miséria daquelas gentes de fronteira, que veem no viajante (em tese, um rico qualquer que não quer carregar sua própria mala) uma oportunidade de melhores condições de vida.

No trecho seguinte do seu relato, já viajando pelo Rio Paraguai, o autor observa a paisagem Brasileira e crítica o que chamou de “latifúndio”:

*Um apito agudo desperta a atenção geral. É o vaporzinho que dá o signal de partida. No terceiro apito, elle arranca. Tento olhar as duas margens. Escuridão completa. A velhinha ainda fala no convez. Agora parece conversar com as duas netas. Vou para o meu camarote. Não vejo os papás do menininho que chora de sede. O relógio marca duas horas da madrugada. Deixo a porta escancarada. Quero que o vento da minha Pátria venha, durante a noite velar o sono do camisa-verde. Rezo antes de adormecer. Peço a Deus acompanhar lá do alto a marcha dos camisas-verdes. De manhã acordo com o sol no rosto. Permaneço algum tempo deitado. **Do leito avisto as terras do meu Brasil. Campos intermináveis. Longos trechos de florestas. Porque está quase tudo deserto? Nenhuma plantação, nenhuma cabeça de gado. Grandes latifúndios?** Ando desconfiado disso. Vi, no Rio, brasileiros dormindo na soleira das portas. Em completo Estado de Miséria. Outras cidades estão cheias de desempregados. O Integralismo irá, certamente quando governo, encarar de frente, resoluto, em primeiro plano, esse importante problema (A Offensiva, nº 212, 21/06/1936, P. 11, 12, grifo nosso).*

As terras de fronteira de Mato Grosso (os “campo intermináveis” e os “longos trechos de floresta”) são imediatamente associados à grande propriedade improdutiva. O que espanta novamente o pequeno-burguês é a ausência de qualquer plantação e cabeça de gado. Fica aqui patente mais uma vez a contradição entre um discurso sertanista/ruralista e a modernidade

particular capitalista, intrínseca a todo fascismo. Os espaços ‘vazios’ do sertão, longe de ficarem intocados como vislumbra Salgado, deveriam ser aproveitados, na opinião de Osolino; se intocados demais, logo eram associados à improdutividade.

Embora extenso, transcrevemos aqui o restante do relato publicado no *A Offensiva*, que culmina com um *grand finale*:

Bandos de gaivotas passam sobre a pequena embarcação. Lá se vão para os campos abandonados. Corumbá espera-nos, segundo calculo de bordo, as 18 horas. Estou ansioso para abraçar os camisas-verdes da princesa do rio Paraguay. Tenho certeza de encontrar o movimento como é feito em todos os pontos do Brasil. Uma sede modesta, o retrato do Chefe Plinio Salgado entre o Pavilhão Verde-Amarelo e a bandeira azul e branca do sigma. Uma ou duas sessões doutrinarias por semana. Sem apartes e discussões estéreis. Diferentes das reuniões liberaes, onde muito se fala e pouco se resolve. Verei a disciplina – que é o emblema de nossa força, e encontrarei todos os camisas verdes unidos como um só pensamento. Cumprir sem discutir as ordens do Chefe Nacional.

O vaporzinho aproxima-se de Corumbá. Homens da tripulação entram nos camarotes em busca das malas dos passageiros, levam tudo para baixo, para o convés inferior. Faltam, entretanto, uns 40 minutos para chegarmos ao destino. Ainda não passamos por Ladário. Em pouco, numa volta do rio divisamos com um cenário brilhante. Surge-nos a frente. Ladario. É um porto da nossa marinha de guerra no rio Paraguay. Um torpedeiro está ancorado. A cidade fica distante uns 20 metros das fortificações. Nas margens do rio, pequenos e homens se banham. Praias magnificas, os passageiros se debruçam na amurada, contemplando esse espectáculo interessante.

Corumbá aparece, enfim, ao longe. Espia-nos de cima do morro. Já defronte do porto, admiro-me de ver, tão longe dos grandes informações sinceras e espontâneas da marcha do Movimento. E todos gostam do Governador da região, companheiro Edmundo Cavalcanti devotado ao Integralismo. Dá desassombadamente todos os seus instantes de folga a A.I.B. está de férias. Em São Luiz de Caceres, longe, três a quatro dias de viagem. Disseram-me dos camisas-verdes: “o Chefe levou boletins e livros, quer deixar um Nucleo em São Luiz”. Edmundo foi descansar...

Corumbá está assentada sobre um monte. Em volta, espraiando-se por longas distancias, ficam os mangues. São planícies intermináveis. Falam na existência de petróleo por taes regiões. Não há vislumbre de exploração nesse sentido. Noite alta, debruço-me sobre a janela que dá para a imensa planície. E sonho com o amanhã do meu Brasil. Brasil de camisa-verde. Os homens do sigma abrindo gargantas para o seio da terra. E o petróleo, como um touro bravo no bojo das grandes planícies escapando pelos respiradouros que o braço verde abriu na terra barbara. E as esquadilhas em todas as direções. Feitas com o nosso petróleo.

Corumbá, 2-4-936. (A Offensiva, nº 212, 21/06/1936, p. 12, grifo nosso).

Não são as praias, nem o habitante local ou mesmos seus companheiros integralistas que ocupam lugar no *grand finela* do homem encarregado de reestruturar a AIB em Mato Grosso: a possibilidade de exploração de petróleo é o que enche os olhos do observador (“não

há vislumbre de exploração nesse sentido”⁸). Seu sonho megalomaniaco, não é a conquista dos corumbaenses para a doutrina (para o que estava ali designado e o que ainda estava longe de acontecer) é a exploração econômica da “terra barbara”, por meio do “braço verde”.

No fundo, a imagem do sertão indômito a ser explorado contrasta com a ideia de Plínio Salgado, de que neste mesmo sertão se encontravam, virgens, a serenidade, a espiritualidade e a brasilidade, em oposição ao cosmopolitismo e o materialismo dos grandes centros. Contudo, para o líder integralista mediano e pequeno-burguês, representado aqui por Tavares, admirar o sertão, não significava não vê-lo com olhos preconceituosos, como vimos nas descrições, muito menos mantê-lo imune ao ‘avanço’ da civilização. Estradas, plantações e cabeças de gado ‘produtivas’, exploração de recursos minerais, tudo isso fazia parte do plano de exploração do tipo específico de modernidade capitalista, planejada pelo fascismo brasileiro. Por mais sertanistas que fossem, os líderes integralistas não suportavam uma poeira.

Se o Mato Grosso era uma das regiões mais isoladas do Brasil e se nessas regiões se encontrava a ‘brasilidade’, por que Plínio Salgado nunca pisou no Estado de Mato Grosso, nos anos de funcionamento da Ação Integralista Brasileira? Talvez os relatos da viagem de Osolino Tavares tenham chegado a tempo de privar o Chefe de comer poeira; a questão fica propositadamente no ar e suscita a contradição entre um mascarado eurocentrismo (civilização/barbárie) e a exaltação dos povos e do ambiente intocado da ‘hinterland’ brasileira presente no Integralismo.

Referências Bibliográficas:

ATHAIDES, Rafael; PEREIRA, Luciana Agostinho. A Ação Integralista Brasileira em Mato Grosso (1933-1937). In. BERTONHA, João Fábio. *Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil: integralismo, fascismos e repressão política no entre-guerras e além*. Maringá: EDUEM, 2013 (no prelo).

⁸ Curiosamente, seis meses depois dos relatos de Tavares, Monteiro Lobato visitou o Estado e lançou o manifesto de fundação da Companhia Mato-grossense de Petróleo (LEITE, 1997, p. 107).

CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso 1889-1943*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2006.

LEITE, Márcio Cesar Silva. O Sonho do Petróleo e a Serpente das Águas Cuibanas: Lobato e o Minhocão. *Polifonia* (UFMT), Cuiabá-MT, v. V.I, p. 98-122, 1997.

PEREIRA, Luciana Agostinho. *A Ação Integralista Brasileira em Mato Grosso (1933-1937)*. 2011. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Fontes consultadas:

Revista Anauê!, n. 11, 06/1936.

Jornal A Offensiva, nº 212, 21/06/1936.

Jornal Monitor Integralista, n. 14, 15/05/1936.

Sites consultados:

IBGE, *Estatísticas do Século XX*, disponível em <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>